

O legado de António Ferro, na voz de Mafalda Ferro

Entrevista: Adriana Mello Guimarães e Márcia Marat Grilo



Como é que António Ferro iniciou a sua relação com o turismo?

Na primeira metade do século XX, não existia uma verdadeira barreira que distinguisse propaganda, publicidade nacional, informação e turismo. Em muitos casos, essas atividades eram asseguradas por jornalistas que, muitos vezes, eram designados como propagandistas, como sucedeu com António Ferro. O termo propaganda não tinha, então, a aceção profundamente negativa que viria a ganhar logo após o final da II Guerra Mundial. Esse carácter negativo foi ganho pelos excessos de condicionamento e manipulação a que as máquinas de propaganda dos estados autoritários, derrotados nessa guerra, tinham

sujeitado os seus cidadãos. Não admira, por isso, que em 1945 o organismo dirigido por António Ferro, o Secretariado da Propaganda Nacional, tenha visto a sua designação ser alterada para Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, escapando à conotação negativa que o termo “propaganda” lhe podia conferir, no contexto da geopolítica do pós-guerra e, dessa forma, melhor definindo os âmbitos da sua ação, a informação jornalística, a cultura popular e o turismo, âmbitos em que Ferro pretendia deixar a sua marca.

Para que se entenda a relação de António Ferro com o Turismo em Portugal durante os primeiros 16 anos do Estado Novo, é necessário que se dê a conhecer a sua intensa paixão pelo jornalismo e, como, através dele, viajou por três dos continentes, Europa, África, América.

Quais foram os principais contributos de António Ferro no campo do jornalismo?

Depois de uma juventude fortemente ligada às tertúlias modernistas e aos intelectuais da revista *Orpheu*, da qual foi, apenas formalmente, o editor, António Ferro ingressou no primeiro curso de Direito da Universidade de Lisboa (1913/1918). Viria a abandonar

abruptamente esse curso no último ano quando, em dezembro de 1920, por sugestão de Leal da Câmara, propôs ao jornal *O Século* partir para a recém-criada república de Fiúme, para fazer uma reportagem sobre Gabriele d'Anunzio e a sua ação ultranacionalista. Embora tivesse já desenvolvido alguma atividade jornalística desde 1915, foi com a reportagem a Fiúme que António Ferro abraçou definitivamente uma longa carreira de jornalista internacional, sempre em movimento, até ao ano de 1933.

No jornalismo, assumiu diversos cargos em periódicos como *O Jornal*, *O Século*, a *Ilustração Portuguesa* e o *Diário de Lisboa*. No entanto, foi desde 1923, enquanto enviado especial do *Diário de Notícias*, que se tornou um viajante permanente, verdadeiro *globetrotter*, turista de alma e coração, ávido de ver, conhecer, saber, aprender. Apaixona-se por diferentes usos e costumes, artesanato, arte e literatura e está atento aos talentos e à política de cada um desses países. Atravessando fronteira após fronteira, entrevista os Grandes da Arte, do Cinema, da Moda, do Teatro, da Literatura e da Política, temática à qual se dedicou muito especialmente, extremamente interessado nas figuras dos «Chefe de Estado de regimes autoritários», em que procurava traços de figuras fortes que tanto o tinham seduzido anteriormente, em figuras como Sidónio Pais e Filomeno da Câmara. Em dezembro de 1932, no âmbito do seu trabalho, acolheu com entusiasmo a possibilidade de entrevistar Oliveira Salazar para o *Diário de Notícias*, num conjunto de entrevistas que ficou célebre e que viria a ser uma peça fundamental na afirmação política do Presidente do Conselho e do próprio regime do Estado Novo.

Em 1927, António Ferro tinha publicado *Viagem à Volta das Ditaduras* (Lisboa: Empresa *Diário de Notícias*, 1927), volume no qual reuniu entrevistas aos ditadores Mussolini, Primo de Riviera e Mustafa Khemal; em 1929, publicou *Praça da Concórdia* (Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade) com entrevistas a figuras francesas da vida intelectual, artística, industrial e política; e, em 1933, *Prefácio da República Espanhola* (Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade) registou as entrevistas realizadas, em 1930, a personalidades espanholas como Miguel de Unamuno, Ortega y Gasset, Ramón de Valle-Inclán, Sánchez Guerra, Indaleccio Prieto e Marcelino Domingo.

Como é que António Ferro se envolveu com o Secretariado da Propaganda Nacional?

Para além do jornalismo, António Ferro começara anteriormente a desenvolver algumas ações oficiais de propaganda, nomeadamente a organização do “Congresso da Crítica de Lisboa”, em 1931, e várias sessões de divulgação cultural com intelectuais franceses, na Casa de Portugal em Paris. Ferro sentia-se um verdadeiro cidadão cultural de Paris e essa cidade fascinou-o até ao final da vida. Esse foi um excelente *curriculum* para que Salazar, fascinado pelo seu entrevistador, em 1933, o convidasse a dirigir um novo Organismo, o Secretariado da Propaganda Nacional.

Do nosso ponto de vista, António Ferro terá aceitado o cargo por acreditar que o seu trabalho se desenrolaria sobretudo na esfera do jornalismo. Contudo, esse trabalho também englobava todas as tarefas associadas à feitura, tratamento e registo da imprensa publicada em Portugal ou no estrangeiro sobre Portugal e também o tratamento e publicação dos discursos de Salazar.

O que podemos dizer sobre o legado de António Ferro na cultura e no turismo?

Paulatinamente, Ferro foi ampliando o âmbito da ação do Secretariado, através da criação, com o beneplácito de Salazar, de um conjunto de projetos ligados à cultura e ao turismo, temas que realmente o apaixonavam e se entrelaçavam. Salazar acolheu as suas iniciativas como parte da sua própria estratégia de propaganda, mas para Ferro, essa estratégia integrava uma importante missão na qual, intrinsecamente, ele acreditava: o traçar de um plano de Turismo e de Cultura, dando a conhecer, aos portugueses e aos estrangeiros, o que de melhor existia em Portugal.

No âmbito das suas funções, António Ferro foi, por diversas vias, conseguindo apoiar as obras de músicos, artistas e intelectuais, promovendo os seus talentos, independentemente das suas orientações política, sexual, social ou religiosa. Se no início das suas funções foi politicamente secundado por Salazar, o passar dos anos foi-lhe granjeando diversos conflitos, em grande medida devidos à sua forma de estar e agir.

Durante os 16 anos que trabalhou no Secretariado da Propaganda Nacional — que, em 1944, viria a ser substituído pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo — muitos foram os projetos que Ferro idealizou e viu concretizar, em grande medida por sua responsabilidade, dando a conhecer Portugal, o seu território, a sua História e a sua cultura.

Em 1935, Ferro convidou uma plêiade de individualidades estrangeiras (Maeterlinck, Pirandello, Gabriela Mistral, Unamuno, entre muitos outros) a visitar Portugal, preparando e concretizando, para o grupo, um interessantíssimo plano de iniciativas turísticas que tiveram lugar em Lisboa, na Curia, em Sintra e em Viana de Castelo. A partir desse ano, Ferro foi o grande obreiro da participação de Portugal nas grandes exposições Internacionais, como as de Paris (1937), de Nova Iorque e S. Francisco (1939). Em 1940, foi um dos principais responsáveis pela Exposição do Mundo Português, cuja dimensão internacional acabou por ficar limitada à presença do Brasil, devido ao início da II Guerra Mundial, exposição que, no nosso entender, foi a mais importante representação turística realizada, até hoje, em Portugal. Em todas essas exposições as dimensões turísticas e culturais foram fundamentais, promovendo o país, externa e internamente.

Concebeu Concursos de Montras, de Apeadeiros, de Estações Floridas, de Cartazes de Turismo, de Prémios Literários, de Música, de Arte, de Cinema e de Turismo. O concurso mais destacado, o da «Aldeia mais Portuguesa de Portugal», foi realizado em 1938. Promoveu os Jogos Florais, as Festas de Maio Florido, os Cortejos Históricos, as Festas do Duplo Centenário de 1140 e 1640 e as Marchas de Lisboa, estas últimas pensadas e coreografadas por Leitão de Barros.

Em 1939, inaugurou em Vilar Formoso, o primeiro posto fronteiriço, posto esse que, a partir de 1940, foi atravessado por refugiados fugidos aos alemães de Hitler, grande parte com vistos passados por Aristides de Sousa Mendes. Lembramos também o caso do casal Arpad Szenes Vieira da Silva que, por esta fronteira, entrou em Portugal contra a vontade de Salazar, mas com a ajuda de António Ferro. Em Vilar Formoso, existe, desde 2017, por iniciativa de Margarida M. Ramalho, o Museu «Vilar Formoso, Fronteira da

Paz» que devido ao elevado número de visitantes estrangeiros, deu origem ao chamado «Turismo Judaico».

Inspirado pelos *ballets russes*, que tinham atuado em Portugal entre 1917 e 1918, criou, com a colaboração do bailarino Francis Graça, em 1940, os «Bailados Portugueses Verde Gaio», a primeira companhia de bailado profissional portuguesa. Essa companhia, com direção, argumentos, cenários e figurinos de artistas portugueses, divulgava, através da dança, os usos e costumes, o folclore e os trajes, as lendas e aspetos da História de Portugal.

Ainda em 1940, como forma de incentivar o Turismo em Portugal, inaugurou a Estalagem do Lidador em Óbidos, considerada hoje como o protótipo das futuras Pousadas que viria a inaugurar entre 1942 e 1948, e também o Hotel de Castelo Branco, este em 1945. Para que tudo funcionasse em conformidade, foram criadas, na época, as Brigadas Hoteleiras que inspecionavam e aconselhavam as unidades hoteleiras, para que nada falhasse ou faltasse ao turista. Também, com esse objetivo, em 1941 o SPN publicou a Cartilha da Hospedagem Portuguesa: Adágios novos para servirem a toda a hospedaria que não quisesse perder a freguesia, com desenhos de Emmérico Nunes e dizeres de Augusto Pinto. Esta cartilha foi elaborada de forma a poder ser entendida por quantos tinham a seu cargo casas que serviam os turistas, mesmo que não soubessem ler, o que acontecia frequentemente.

Em 1941, criou a revista *Panorama, de Arte e Turismo* cuja 1.^a série, de 39 números, António Ferro dirigiu com o apoio de artistas, escritores e agentes de turismo, até ao ano da sua partida para Berna, em 1949. Através da *Panorama*, dava trabalho a muitos que, não fora ele, nunca o conseguiriam no Portugal de Salazar.

O acervo museológico do Museu de Arte Popular, que Ferro inaugurou em 1948, reunia peças de artesanato provenientes de todas as províncias portuguesas, em materiais como o barro, a cerâmica, a madeira, o vime, a verga ou o tecido. O Museu estava dividido em províncias ou regiões e cada uma dessas zonas patenteava uma casa decorada com peças de artesanato, instrumentos de trabalho e manequins tipicamente vestidos a rigor. Para cada província, foi pintado um mural, executado por um ou mais artistas portugueses. O museu foi concebido de forma que, no espaço exterior, houvesse artesãos a trabalhar nas suas obras, peças que seriam adquiridas e vendidas pelo próprio museu. Reconhecendo o interesse turístico da zona de Belém, Ferro sabia que ia ser um sucesso, mas, infelizmente, no ano seguinte, deixou Portugal. Este Museu foi o culminar da sua incontornável ação nos domínios da Cultura e do Turismo e, por isso mesmo, até hoje, silenciado.

Aquando da sua partida para Berna, interrompeu ou deixou por terminar diversos projetos, entre eles o da sinalização pitoresca nas estradas.

Apesar do desinteresse de Salazar em contribuir para o enriquecimento cultural dos portugueses, António Ferro conseguiu criar um conjunto de equipamentos culturais itinerantes, os Cinemas, as Bibliotecas Ambulantes, o Teatro do Povo (que foi dirigido por Francisco Lage e Francisco Ribeiro) e outras ações culturais que, durante parte dos anos 30/40, percorreram o país, levando entretenimento e cultura a todos os seus cantos.

Com o apoio da equipa de artistas plásticos que reuniu em torno do SPN/SNI, António Ferro foi o responsável por uma coerente ação de comunicação, apoiada em peças gráficas e bibliográficas, produzidas por artistas portugueses com um grafismo alegre, moderno, original, talvez um pouco ingénuo, em vários idiomas, facto considerado hoje, mais do que nunca, crucial, principalmente quando a temática é o Turismo.

Alguns traços da identidade portuguesa, ainda hoje aceites como tal, foram concebidos pelo próprio Ferro ou, no mínimo, têm a sua mão:

— Amália que, embora fosse já uma artista conhecida, atuou pela primeira vez em Paris, a convite de Ferro.

— O Galo de Barcelos, procurado e descoberto a seu pedido por artistas portugueses que, também por sua sugestão e supervisão, o decoraram com cores modernas e alegres, para apresentação em Feiras e Exposições, em território nacional e internacional.

— A Cerveja Sagres, com uma história curiosa, bem demonstrativa da criatividade, da capacidade de iniciativa e da vontade de Ferro para levar Portugal além-fronteiras. A história foi narrada por Nuno Pinto de Magalhães no Canal «Benfica TV», no «Dia Internacional da Cerveja», em julho de 2013, e aqui transcrita:

Em 1940, durante a 2.^a Guerra Mundial (1939/1945), os navios que vinham de Inglaterra eram geralmente torpedeados pelos barcos alemães. Como os ingleses queriam fornecer cerveja às suas tropas (em Gibraltar), o embaixador inglês falou com António Ferro para que ele arranjasse forma de fazer chegar cerveja a Gibraltar, até porque Espanha tinha saído de uma guerra civil (1936/1939). António Ferro pensou e, se bem o pensou, melhor o fez: Vamos lançar uma cerveja que tenha a ver com tudo o que Portugal representa. Sagres foi o nome por ele escolhido, como imaginário de onde sempre se partiu, para lançar uma cerveja de exportação. No ano seguinte, a Sagres tinha-se já tornado a cerveja de todos os portugueses e de todos os benfiquistas.

Enquanto Salazar necessitava da ação de Ferro para colmatar os pontos fracos do regime, no que tocava à Cultura e ao Turismo, Ferro, por sua vez, utilizava o SPN/SNI de Salazar para dinamizar a sua «Política do Espírito». Assim, embora cada um tivesse os seus próprios objetivos, a concretização das atividades era concebida e executada por António Ferro, que depois conversava com Salazar. No entanto, após o final da II Guerra Mundial, as divergências entre ambos foram-se avolumando.

Quando, em abril de 1947, Fernanda de Castro escreveu a Salazar [FAQ/01/0688/00001] pedindo que deixasse o marido partir para Paris, Ferro pediu já o mesmo a Salazar pois, terminada a guerra, sabia que Portugal tinha que mudar, que a sociedade, o papel da mulher, tudo tinha que mudar, mas Salazar não o entendia dessa forma. Instalou-se então um conflito velado. Ambos, se apercebem de que o trabalho em conjunto, há algum tempo desarticulado, não tinha futuro. Salazar estava, quiçá..., cansado de Ferro, do seu protagonismo e das suas ideias que, terminada a guerra, o confundiam. Ferro — cansado do confronto sistemático com os ministérios, com alguns organismos e, quiçá..., com Salazar — tentou afastar-se do organismo que dirigia. Pensamos que Salazar ficou aliviado com o pedido de Ferro pois ficava liberto de ser ele a dar esse passo já que, silenciosamente, não lhe perdoava o desejo de sair de Portugal. Maliciosamente e com

a sua habitual astúcia, Salazar fingiu concordar referindo que o melhor era Ferro ir primeiro para Berna e daí ser transferido para Paris, facto que nunca viria a acontecer. A realidade é que, embora sem um conflito público, Ferro foi enganado. O efeito prático dessa transferência foi Ferro ter sido exilado.

Em 1950, deu-se a derradeira despedida, Ferro iniciou uma nova vida, longe do seu país, da família e dos amigos.

Viria a morrer em Lisboa, seis anos depois. Foram os seus amigos mais fiéis, os artistas, colaboradores em todas as iniciativas que, por turnos, na sua última viagem, lhe transportaram a urna. Salazar não esteve presente.

Ferro, tudo enfrentou com uma coragem, inicialmente feita de esperança, esperança essa que, com o tempo, foi esmorecendo, conduzindo-o a um estado de constante e profunda tristeza. Em Roma, escreveu uma coletânea de poemas, que seu filho viria a publicar postumamente com o título *Saudades de mim*.

Conseguiu, durante 16 anos trabalhar, com objetivos por si definidos, de acordo com os seus gostos e convicções, criando e dinamizando a sua «Política do Espírito». A Cultura e o Turismo, nos primeiros 16 anos do Portugal de Salazar, só existiram, como tal, graças à ação de António Ferro, que é hoje apelidado por muitos como o maior “Ministro da Cultura” que o país já teve.

António Ferro não desistiu nunca de promover e enriquecer cultural e turisticamente, conceitos, no seu caso, difíceis de compartimentar, o país que tanto amava.

Sobre a entrevistada:



Nota biográfica no âmbito da sua ação em prol da divulgação de António Ferro e o Turismo

Ana Mafalda Roquette de Quadros Ferro é neta de António Ferro. É fundadora e presidente do Conselho de Administração da Fundação António Quadros. Nas suas atividades destacam-se, igualmente, as funções de Coordenadora do Arquivo, da Biblioteca, da Coleção de Arte, das Atividades realizadas e do Projeto Editorial da Fundação António Quadros. Tem sido curadora de diversas exposições e apresentado várias comunicações, bem como tem sido autora e coordenadora de várias publicações associadas a António Ferro, a António Quadros ou à Fundação que lhe está associada, Fundação António Quadros.

geral.faq@gmail.com
mafaldaferro.faq@gmail.com

www.fundacaoantonioquadros.pt